




**MENINÃO DE OLHOS VERDES: CONSTRUÇÃO
MIDIÁTICA DE CHICO BUARQUE COMO HERÓI
NACIONAL**

**GREEN-EYED BOY: MEDIA CONSTRUCTION OF CHICO
BUARQUE AS A NATIONAL HERO**

Roberta Gamborgi Vallim Lehmann*
Universidade Federal do Paraná – UFPR
 <https://orcid.org/0000-0003-0908-4805>
rogamborgi@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho pretende apresentar como a mídia usou a narrativa para construir a imagem de Chico Buarque como herói nos anos 1960. Para que esse herói existisse criou-se uma rivalidade entre Chico e Caetano Veloso. O Brasil enfrentava os primeiros anos da ditadura cívico-militar. A televisão ampliava seu alcance para todo o país. Os *Festivais de Canção* da TV Record estruturaram narrativas com papéis mais ou menos definidos. Cabia aos artistas a função de porta-voz da situação política do país.

PALAVRAS-CHAVE: Chico Buarque; herói midiático; narrativa.

ABSTRACT: This work aims to present how the media used narrative to build the image of Chico Buarque as a hero in the 1960s. For this hero to exist, a rivalry was created between Chico and Caetano Veloso. Brazil was facing the first years of the civic-military dictatorship. Television expanded its reach across the country. TV Record's Song Festivals structured narratives with more or less defined roles. Artists had the role of spokesperson for the country's political situation.

KEYWORDS: Chico Buarque; media hero; narrative.

Chico Buarque meu **herói nacional**
Chico Buarque gênio da raça
Chico Buarque salvação do Brasil
(Tom Jobim, 1989, grifo meu)

* Doutoranda em Estudos Literários pela linha de pesquisa "Literatura, história e crítica", na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista Capes, com pesquisa sobre a ficção de Chico Buarque. Mestra em Estudos Literários, também pela UFPR. Graduada em Letras, Português - Inglês pela FAE Centro Universitário.

INTRODUÇÃO

Partindo do *Dicionário de estudos narrativos*, do professor Carlos Reis, o herói é a figura central de um relato, é um protagonista qualificado, que se salienta do conjunto das restantes personagens por ações excepcionais, muitas vezes difíceis de entender ou de igualar. Ele não perde as conotações valorativas que o caracterizam. Sua superioridade, nos planos ético e psicológico, resulta normalmente num triunfo que culmina um percurso acidentado (REIS, 2018a, p. 194). Bem como, a narrativa é definida como

A representação de um mundo possível, centrada em entidades antropomórficas (designadamente, personagens) e ancorada em coordenadas temporais e espaciais que orientam certas ações para um final. Ampliando o alcance da definição, sublinha-se que a representação narrativa não está vinculada apenas à linguagem verbal, podendo processar-se pelo recurso a uma pluralidade de suportes e meios (linguísticos, visuais, auditivos, corporais, eletrônicos, etc.), de forma singular ou conjugada; do mesmo modo, a representação narrativa concretiza-se em diferentes contextos e com variados propósitos comunicativos (literários e paraliterários, informativos, conversacionais, científicos, políticos, religiosos, etc.) (REIS, 2018a, p. 305).

Desse modo, vou tratar aqui da construção, pela mídia, através da narrativa, da imagem de Chico Buarque como herói quando ele surgiu na cena artística brasileira. Pretendo mostrar algumas características atribuídas a ele que contribuíram à sua rápida ascensão à condição de ídolo da cultura popular. Além das características valorizadas em Chico, vou apresentar a rivalidade criada entre ele e Caetano Veloso.

Para fundamentar minha análise, uso pesquisas sobre Chico Buarque realizadas por Marcelo Garson e José Eduardo Razuk. No que se refere a construção do herói midiático me apoio na teoria proposta pelo professor Carlos Reis, em que o herói é um componente estruturante de algumas narrativas, cuja enunciação se processa em função dessa figura em quem se centram os conflitos e sobre quem pendem ameaças que só ele vence. Sem narrativa não há herói. Aquilo que o legitima é um trajeto de sobre-humana vitalidade, contra obstáculos e contra forças hostis. Esse trajeto desenrola-se em um tempo narrativizado que o herói atravessa, em movimento de busca e de afirmação do seu estatuto, com maior intensidade e dramatismo, quando esse estatuto se coloca sob o signo de transgressão de normas, de limites ou de estatutos sociais (REIS, 2018b, p. 166).

Assim, Garson explica que durante os anos 1960, no Brasil, a televisão ampliou o alcance e iniciou o processo de chegar às mais diversas classes sociais e localidades, o que se complementaria na década seguinte. Os maiores vendedores de discos desse

período – heróis criados pela narrativa midiática – se consagraram antes na televisão. A nova geração de artistas que surgiu passou a comandar musicais de grande audiência, participar de entrevistas e até do cinema. Em pouco tempo, tornaram-se ídolos nacionais e modelos de conduta. A televisão, comandada pela TV Record, inventou a “moderna música popular brasileira” (MPB). Os *Festivais de canção* projetaram diversos artistas, entre eles, Chico Buarque. Já no início de sua carreira profissional, Chico foi um sucesso imenso na formação de uma opinião pública favorável a um novo artista da música brasileira (GARSON, 2018, p. 2-5).

Ainda segundo Garson, a marca da juventude estava nas canções, no cenário, nos gestos e nos adornos. A performance dos intérpretes colocava o corpo em evidência, pois havia agora uma câmera. Misturavam-se influências dos Beatles, do *rock and roll* e *rock* balada norte-americanos, do *pop* italiano e da vasta tradição romântica que vinha do bolero e samba-canção. Entre os artistas, em cada papel brilhava a galeria arquetípica de heróis e vilões dos quadrinhos, filmes e novelas. Por meio de matérias impressas, letras de canções, entrevistas, filmes e ensaios fotográficos, os intérpretes se destacavam (GARSON, 2018, p. 7).

A fenomenologia do herói decorre da tensa interação de certas atitudes, como emoções, preconceitos, imagens adquiridas, molduras comportamentais, com dispositivos retóricos, em particular narrativos, que procedem à figuração do herói. Nesse sentido, a concretização do herói depende de atos cognitivos que investem na leitura do relato muito mais do que aquilo que a letra do texto revela e mais também do que aquilo que seu autor quis representar (REIS, 2018b, p. 167). Nesse caso, não se trata de um herói na condição ficcional, como estudamos atualmente, pois a problemática do herói não é estritamente literária. Se trata de discutir a importância do uso da narrativa como estratégia para criação de heróis, mais especificamente, Chico Buarque em oposição à Caetano Veloso.

MENINÃO DE OLHOS VERDES

Nesse mundo em que as narrativas midiáticas são exhibições em si mesmas, não é possível passar sem herói, porque sem eles não há espetáculo e nem negócio. A narrativa midiática, segundo o verbete do *Dicionário de estudos narrativos*, pode “referir-se empiricamente a relatos quase sempre contextualizados e datados, tal como publicados na imprensa ou emitidos em jornais e em reportagens radiofônicas ou televisivas e ainda

na internet” (REIS, 2018a, p. 320). No Brasil dos anos 1960, haviam Os *Festivais de Canção*, que consistiam em torneios em que, após diversas etapas, escolhia-se a melhor composição. No documentário *Uma noite em 67* (2013), Paulinho Machado de Carvalho, então diretor da TV Record, conta sobre a construção das personagens nos festivais:

Dentro da minha cabeça, eu sempre achei que os festivais poderiam se organizar como espetáculos de luta livre. [...] tem o mocinho, o bandido, o pai da moça, tem que ter tudo. A filosofia, na minha cabeça, era mais ou menos assim: organizar um espetáculo e selecionar os intérpretes dentro disso. Chico Buarque era o bonitinho, outro era não sei o quê. A gente achou que poderia organizar um espetáculo para que ele despertasse maior interesse do público (CARVALHO *in* TERRA; CALIL, 2013, p. 55).

A partir disso, Chico Buarque, ao ser questionado sobre qual o papel Paulinho Machado de Carvalho reservava para ele, responde:

Heroína... [risos]. Sei lá. Não tinha isso no festival. Ele falou isso? Isso é a cara daquele programa “Esta Noite se Improvisa”. Parecia *telecatch*, essas coisas. Carlos Imperial era o cafajestão, o outro era bom moço, o outro não sei o quê. Eu não me encaixava muito nisso. Eu era o mocinho? [...] O general também queria que eu fosse mocinho. Ele não admitia outra coisa. ‘Como é que você escreve uma porcaria dessas, como é que você anda na passeata com um crioulo’. É dura a vida de mocinho. É muito dura (BUARQUE *in* TERRA; CALIL, 2013, p. 108).



Quer dizer, foram criadas personagens no sentido de “participantes do mundo narrativo” ou “participantes no domínio do narrado” (REIS, 2018a, p. 389). Nesse período, o Brasil vivia a ditadura cívico-militar, iniciada com o golpe de 1964. Os jornais tinham suas publicações controladas. Portanto, cabia aos artistas o papel de porta-voz dos acontecimentos político-históricos desse período. Em função disso, muitos viraram verdadeiros heróis nacionais. Segundo Carlos Reis, “certos tempos históricos são especialmente propícios à heroicização das personagens, por razões que têm que ver com as cosmovisões que as enquadram” (REIS, 2018b, p. 167). Nesse sentido, o Brasil vivia um período em que havia a necessidade de se criar heróis que se posicionassem contra o autoritarismo do Estado. Assim, surgiu Chico Buarque.

Desde os grandes mitos da Antiguidade, a humanidade cria heróis para ter em quem se projetar, se inspirar. Hércules, para alcançar esse estatuto, teve que superar os doze trabalhos que lhe foram impostos como redenção da culpa. Do mesmo modo, Ulisses pagou cara a ardilosa vitória sobre os troianos, penando dez anos até retornar ao lar perdido (REIS, 2018b, p. 165). Chico não precisou de dez anos para receber o status

de herói – porque a condição humana hoje é menos paciente do que na Antiguidade –, todavia veremos que já carrega essa posição há mais de cinquenta anos.

O herói precisa saber gerir sua imagem, e para isso servem os assessores de comunicação. Chico Buarque nunca se preocupou com a autopromoção, faz a obra que quer fazer e que acha que é de boa qualidade. Seu assessor de imprensa, Mario Canivello, diz que nem ousa propor estratégia alguma, porque Chico é o próprio *antimarketing*. Em política sempre evitou ser piegas ou panfletário, resistiu à imposição de ser porta-voz disto ou daquilo, mas nunca se furtou a emprestar sua imagem a uma causa que achasse justa, nem correu da raia quando o embate endureceu e o cerco da censura apertou (ZAPPA, 1999, p. 10). No entanto, Chico usava da arte para manifestar seu posicionamento, e nem sempre era compreendido. Ainda no documentário *Uma noite em 67*, ele conta:

Sempre houve comigo essa coisa do rapaz bonitinho, do bom moço. E isso tinha um peso engraçado, porque havia, de um lado, certa condescendência: ‘Ele é um bom rapaz, não sei o que tal’. Por outro lado, gerava certa raiva, porque era como se eu fosse um traidor. Eles me viam como um aliado deles. Isso passa por diversas coisas, inclusive por um general que me interrogou no 1º Exército, chamava-se general Assumpção. Eu falava sobre a Passeata dos Cem Mil e ele questionava: ‘Mas o que você estava fazendo com aquele crioulo sujo do Gilberto Gil?’. Isso é uma coisa racista. Violenta. O ódio que eles tinham do Gilberto Gil era muito maior. Então, o fato de a peça *Roda Viva* ser atentatória à moral e aos bons costumes era uma contradição para eles. Porque não estava previsto que eu escrevesse ou, de alguma forma, me associasse àquele tipo de espetáculo. Eu tinha saído da linha, do bom caminho (BUARQUE *in* TERRA; CALIL, 2013, p. 98).

E em entrevista concedida à *Vox Populi*,

Acho que todas as minhas músicas falam dos problemas da sociedade. Todas elas, os problemas menores e os problemas maiores. Acho que não estou desligado dos problemas sociais. [...]. Eu sou um artista que se pretende estar ao lado do povo brasileiro. Eu pretendo estar. [...]. Haverá justiça social? Haverá dignidade? [...]. Eu tenho falado através das minhas músicas e do teatro, tenho falado sempre do Brasil, acho que tenho falado do Brasil de hoje (BUARQUE, 1979, não paginado).

Notamos, nos trechos selecionados, a preocupação de Chico em falar do país, da sociedade e dos problemas políticos. Mas, ele queria fazer isso através da sua obra e não assumir um papel de responsável por falar da política. Nessa postura o artista permaneceria dali para frente. Nunca foi filiado a partido algum, nem ao PCdoB, nem ao PT. Mas sempre assumiu sua posição à esquerda (ZAPPA, 1999, p. 91).

Retomando Garson, em 1966, Chico Buarque venceu o *Festival da Record* com a canção *A Banda*. A canção une mais de 50 versos com linguagem simples, repleta de

imagens do cotidiano, e ainda resgata um gênero popular, a marchinha, sob uma melodia que poderia ser facilmente cantarolada. Rotulado de “Arquiteto do Samba”, pela *Revista Contigo* ou “General da Banda” pela *Revista Manchete*, Chico, a partir de então, seria eleito como um dos grandes protagonistas no processo de renovação da música popular.

Na revista *Intervalo*, a mais representativa da lógica midiática e espetacular daquele momento, encontra-se uma reportagem que sintetiza os dilemas da MPB. Com o título *Chico Buarque: minha música fala com o povo* e o subtítulo *Meninão de olhos verdes imitava João Gilberto*, a matéria mostrava que o ato de falar com o povo fazia-se pelas imagens da televisão, capas de disco e fotografias em revista, daí a importância dos olhos verdes de Chico (GARSON, 2018, p. 10).

Figura 1. Chico Buarque: o arquiteto do samba



Fonte: <https://www.jobim.org/chico/handle/2010.2/300>

Em outras palavras, a intenção de estar ao lado do povo ultrapassava as canções. A imagem de Chico Buarque era, também, muito importante para essa conexão. Dessa maneira, a mídia fazia seu papel, construía a reputação de bom moço que acompanha o artista até os dias de hoje.

Figura 2. Chico Buarque: o general da Banda



Fonte: <https://www.jobim.org/chico/handle/2010.2/431>

A canção *A Banda* causou uma espécie de comoção nacional. Carlos Drummond de Andrade publicou uma crônica sobre a música no jornal *Correio da Manhã* (1966):

O jeito, no momento, é ver a banda passar, cantando coisas de amor. Pois de amor andamos todos precisados, em dose tal que nos alegre, nos reumanize, nos corrija, nos dê paciência e esperança, força, capacidade de entender, perdoar, ir para a frente [...]. A felicidade geral com que foi recebida essa banda tão simples, tão brasileira, tão antiga na sua tradição lírica, que um rapaz de pouco mais de vinte anos botou na rua, alvoroçando novos e velhos, dá bem a ideia de como andávamos precisando de amor. Pois a banda não vem entoando marchas militares, dobrados de guerra. Não convida a matar o inimigo, ela não tem inimigos, nem a festejar com uma pirâmide de camélias e discursos as conquistas da violência. Esta banda é de amor, prefere rasgar corações (DRUMMOND *in* SOARES, 2021, p. 67).

Para Adélia Bezerra de Meneses, *A Banda* transmite algo político:

[...] a recusa do presente opressor através de uma volta ao passado, seja o individual, que é a própria infância, seja o passado coletivo, da sociedade pré-industrial, em que as relações humanas não eram degradadas pela estandarização e pela massificação (MENESES *in* SOARES, 2021, p. 19).

E ainda, Zuza Homem de Mello:

O sucesso de “A Banda” elevou Chico Buarque a ídolo popular em 1966. [...] com um nível que as pessoas não estavam acostumadas a ter. [...]. No caso de Chico Buarque, é total, é pelo ser humano, pelo filho,

pelo pai, pelo marido, por tudo que ele é. E, acima de tudo, pelo artista. Nos outros, há idolatria pela voz, pelo comportamento, mas não total (HOMEM DE MELLO *in* TERRA; CALIL, 2013, p. 45).

Por conseguinte, Rubem Braga registrou no *Diário de notícias*: “A coisa mais importante no momento em matéria de música popular é mesmo Chico Buarque de Hollanda. [...] *A Banda* é algo que todo mundo entende e que emociona todo mundo. É simples, tem graça e tem lirismo, é tão nova e tão antiga, é uma boa crônica cheia de poesia” (BRAGA *in* SOARES, 2021, p. 205). A partir daí, Chico virou assunto constante em jornais, revistas, livros, trabalhos acadêmicos e, nos últimos anos, nas mídias digitais. Todo mundo quer dar sua opinião e expressar seu sentimento sobre o artista e sua obra. Cada um tem o seu Chico Buarque (SOARES, 2021, p. 8).

Começa a formar-se a narrativa do novo astro da música brasileira, até então um desconhecido do grande público nacional. Conforme José Eduardo Razuk, no primeiro momento, os atributos físicos de Chico parecem ser os que mais despertavam a atenção. Como exemplo, novamente, a revista *Intervalo* publicava nota, ao lado de uma foto em *close-up* do artista: “Chico Galã. É impressionante o número de meninas bonitas que vão assistir ao espetáculo *Meu Refrão* numa boate carioca. É que Chico Buarque de Hollanda, o astro do show, já foi comparado aos melhores galãs da *nouvelle-vogue* francesa” (RAZUK, 2010, p. 17).

A aparência, o amplo conhecimento musical e também a suposta timidez, acabaram favorecendo Chico Buarque no programa *Esta Noite se Improvisa*. Televisado pela Record, tratava-se de um duelo de memória musical. Segundo o Museu brasileiro de rádio e televisão: “Há muitas histórias interessantes envolvendo o programa *Esta Noite se Improvisa*, e uma das mais famosas envolve o cantor e compositor Chico Buarque, que às vezes inventava na hora uma letra e uma melodia só para confundir os jurados” (MBRTV, 2018, não paginado).

Logo, shows como esse, já populares no rádio, ao serem televisionados, ganhavam sentido especial. A mídia, usando da narrativa, transformou a timidez de Chico em sinônimo de “bom mocismo”. Manipulando a erudição para entreter o público, fortalecia o pré-requisito da simplicidade, necessário a um ídolo popular. Além de ressaltar a beleza, as revistas da época atribuíam a Chico Buarque características que faziam dele um herói midiático, como a condição de estudante universitário. Chico era sempre apresentado como estudante de arquitetura da *USP- Universidade de São Paulo*, que parou de estudar para se dedicar à carreira artística. Dono de um gosto literário e

musical que mostrava um grau de cultura típico das elites intelectuais e pouco comum à média da população. A sua ascendência familiar, o nome da família Buarque de Holanda representava um importante sobrenome na alta sociedade brasileira. Seu pai, Sérgio Buarque de Holanda, autor de *Raízes do Brasil* era frequentemente citado.

Nessa perspectiva, observamos que a narrativa midiática transformou Chico na figura central, em um protagonista com ações excepcionais, conforme a definição de herói de Carlos Reis citada na introdução desse trabalho. O artista manteve as características valorativas que lhe foram atribuídas. A coerência de sua obra e de sua vida pessoal demonstra uma superioridade heroica.

A jovialidade contrastante ao grande talento, pois com apenas 22 anos de idade, Chico Buarque era apresentado como “herdeiro de Noel Rosa”, unindo em sua figura o tradicional e o moderno. Era mostrado como extremamente talentoso, tendo, apesar da pouca idade, uma grande produção musical. Em seu currículo, já constava uma importante vitória com as músicas compostas para a peça do grande escritor João Cabral de Melo Neto, *Morte Vida Severina*. Outra característica que realça seu talento artístico são as citações de nomes consagrados da música e da literatura brasileira, que viam em Chico um talento sem precedentes: Tom Jobim dizia que ele era a única coisa que havia de bom no panorama musical brasileiro. Vinícius de Moraes confessava seu complexo diante das letras de Chico. Millôr Fernandes disse que Chico era a única unanimidade nacional (RAZUK, 2010, p. 19).

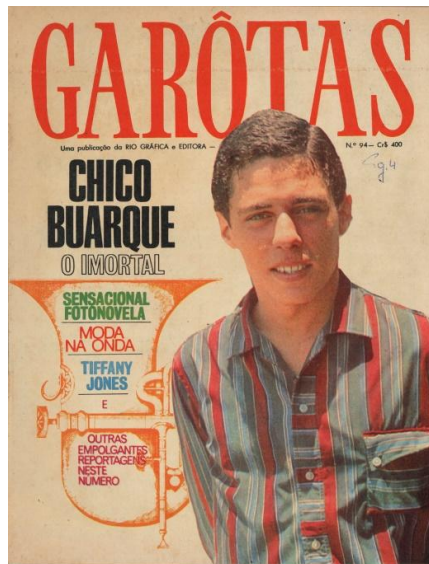
Figura 3. Chico, o herdeiro de Noel



Fonte: <https://www.jobim.org/chico/handle/2010.2/192>

Reforçando essa caracterização como jovem herói brasileiro, em 1967, foi capa da *Garôtas*, uma revista especializada em fotonovelas e artigos femininos. Na ocasião, Chico - com apenas 23 anos - foi chamado de imortal, conforme imagem:

Figura 4. Chico Buarque, o imortal



Fonte: <https://www.jobim.org/chico/handle/2010.2/189>

Chico destacava-se pela generosidade, na reportagem que fazia a cobertura do resultado final do festival de 1966, publicada na revista *Intervalo*, lê-se o título: “Bacana do festival foi o coleguismo. Chico queria *Disparada* [título de uma canção concorrente] em primeiro” (RAZUK, 2010, p. 19). Anos depois, comprovando o que dizia à reportagem da revista *Intervalo*, Zuzi Homem de Mello contou sobre a decisão de declarar empate entre as duas canções em 1966 - *Disparada* e *A Banda* -, pois

Circulou no meio do próprio festival, nos bastidores, que “A Banda” tinha sido declarada vencedora, e Chico Buarque soube disso. Imediatamente ele procurou o Paulinho Machado de Carvalho e disse, não sei exatamente com essas palavras: “Se ‘A Banda’ for contemplada com o primeiro lugar, eu devolvo o prêmio em público” (HOMEM DE MELLO *in* TERRA; CALIL, 2013, p. 32).

Com esse gesto, Chico ficou conhecido como um homem íntegro, que pensava no coletivo acima da sua própria individualidade. Demonstrou que era capaz de ações elevadas difíceis de serem encontradas em um meio tão competitivo.

O RIVAL INCONCILIÁVEL

Chico Buarque apresentava-se na contramão dos novos movimentos da época. A partir disso criou-se uma espécie de rivalidade entre ele e Caetano Veloso. No livro *Verdade Tropical*, Caetano comenta essa oposição criada:

[...] havia uma agressividade necessária contra o culto unânime a Chico [...] a mera valorização que fazíamos do trabalho de Paulinho da Viola implicava um grito de independência em relação à hegemonia do estilo buarquiano: tal como Chico, Paulinho voltava-se para o samba tradicional, mas, diferentemente dele, fazia-o sem o filtro da bossa nova [...] a glória indiscutível de Chico nos anos 60 era um empecilho à afirmação do nosso projeto (VELOSO, 2017, p. 246).

Caetano Veloso era um jovem cantor e compositor baiano, que usava roupas extravagantes, cabelos compridos e tinha uma postura contestadora. Segundo ele próprio: “meu cabelo estava muito grande e, entregue à sua própria crespidão rebelde, mais parecia uma mistura do de Hendrix com os de seus acompanhantes ingleses do Experience” (VELOSO, 2017, p. 307).

No Festival de 1968, se apresentou usando uma roupa de plástico verde e preta, o peito coberto de colares feitos de fios elétricos com tomadas nas pontas, correntes grossas e dentes de animais grandes. Foi vaiado ao cantar com Os Mutantes a música “É proibido proibir”, em função de sua aparência e da total indefinição rítmica da canção.

Figura 5. Caetano Veloso, Festival de 1968



Fonte: <http://jornalismoculturalufrgs.blogspot.com/2011/07/e-proibido-proibir.html>

Além da música, os artistas dançavam movendo os quadris para frente e para trás. Como se não bastasse, Caetano Veloso conta que

A uma certa altura o canto e a dança eram interrompidos para dar lugar à declamação do poema de Fernando Pessoa sobre d. Sebastião, o rei português que morreu ainda adolescente na última (e irrealista) cruzada, [...] [em meio as vaias] em substituição à declamação do poema de Pessoa, comecei a falar (a urrar, seria mais adequado dizer) de improviso [...]. Essa é a juventude que diz que quer tomar o poder? Se vocês forem em política como são em estética, estamos fritos (VELOSO, 2017, p. 310).

Em vista disso, fica evidente a diferença entre Caetano e Chico, aproveitadas pela mídia em suas narrativas desse período. Conforme explica o professor Carlos Reis, tanto o motivo do irmão desavindo, como o motivo do rival inconciliável, são ambos tão antigos como os relatos fundacionais da civilização judaico-cristã, ou as narrativas identitárias da Antiguidade Clássica, matrizes de um imaginário que se alimentam também narrativas midiáticas. Caim e Abel, Esaú e Jacó, Romulo e Remo, num outro plano que é o da rivalidade dos heróis – como vejo Chico e Caetano – Davi e Golias, Aquiles e Heitor, Artur e Lancelot não seriam heróis sem a conflitualidade que expressa a diferença e acentua a energia vital que caracteriza o comportamento heroico (REIS, 2018b, p. 172). Diferente de Caetano Veloso, Chico Buarque era visto como o bom moço. Imagem construída em grande parte pela aparência de jovem de classe média alta, onde se destacava, contudo, uma grande simplicidade.

Chico não era um cabeludo com roupas extravagantes como Caetano Veloso. Era um jovem estudante universitário ligado ao teatro, sua postura ou suas declarações não transmitiam o estereótipo de revolucionário ou agitador, típico dos jovens intelectuais dos movimentos de esquerda. Suas entrevistas ou sua história de vida, quando publicadas, sempre nos revelavam o bom moço, boa família, culto sem afetações elitistas, nostálgico admirador da tradicional música brasileira e distante o suficiente, embora não ausente, das inquietações e problemas políticos ou sociais daquele momento histórico. Enquanto Caetano usava roupas extravagantes, Chico mantinha a tradição de se apresentar usando smoking.

Figura 6. Chico Buarque, Tom Jobim, Cybele e Cynara no Festival de 1968



Fonte: <https://www.jobim.org/jobim/handle/2010/15312>

O ano de 1968 ficaria marcado pela final nacional do *Festival da Canção*, em que *Sabiá*, parceria de Chico Buarque com Tom Jobim, ganharia do hino *Pra não dizer que não falei das flores*, de Vandrê, decisão que levou Tom a ser vaiado pelo público em pleno Maracanãzinho, no Rio de Janeiro – episódio que Nelson Motta classifica como a morte simbólica dos festivais. Em 1971, estimulado pelo colega Guarabyra, Chico inscreveria outra parceria com Tom no *Festival Internacional da Canção*, apenas para retirá-la da competição dias antes do festival com o objetivo de denunciar a censura. Ele confessou que a música nunca existiu. E, portanto, a vaiada e vencedora *Sabiá* foi mesmo sua despedida da era dos festivais (TERRA; CALIL, 2013, p. 87).

Vimos que tanto Chico Buarque, quanto Caetano Veloso foram vaiados em 1968. A vaia foi um elemento que apareceu de forma avassaladora no festival de 1966, e não desapareceu mais nos anos posteriores, que começou antes mesmo da divulgação do resultado. Mas não era para as concorrentes. Os cariocas só se acalmaram quando conseguiram o que queriam: finalmente, Chico Buarque – em 1968 – arrumou um violão emprestado e cantou *A Banda* (TERRA; CALIL, 2013, p. 15).

Ao confronto que usualmente se faz entre Chico Buarque e Caetano Veloso, Adélia Bezerra de Meneses afirma que acha

[...] interessantíssima a caracterização que Caetano faz de Chico como alguém que “anda pra frente arrastando a tradição”. É isso mesmo,

Chico Buarque é um artista arraigadamente brasileiro, fruto de um solo cultural e musical do qual ele sabe extrair as melhores linhas de força, do qual ele se torna porta-voz, e a partir do qual vai inovar, vai criar (MENESES, *in* SOARES, 2021, p. 22).

Apesar dessa suposta rivalidade criada entre os dois artistas, eles nunca foram inimigos. Caetano Veloso, contou no documentário *Uma noite em 67* que

[...] andava muito com Chico, ia a São Paulo com frequência. Nessa mesma época, Guilherme Araújo, empresário de Bethânia, passou a querer trabalhar conosco, com outros baianos. [...] Havia programas em São Paulo para fazer, e depois apareceu o “Esta Noite Se Improvisa”, [...] Fui participar e acabei ficando, junto com Chico Buarque, uma das estrelas, em termos de acertar canções a partir de uma palavra. Nesse período, eu saía muito com Chico, em São Paulo e era adorável, porque ele é um sujeito maravilhoso. Tem um humor assim meio maldoso, mas maravilhoso, com uma ponta de sadismo. Mas é parte do humor, nunca é nada mau nem prejudicial para ninguém. É um jeito muito bacana. E nós saíamos para beber juntos. [...] Chico tinha um temperamento rebelde. [...] O maior compositor da música popular brasileira – da minha geração, pelo menos – é Chico Buarque de Hollanda [...]. Eu nunca tive nenhum problema com Chico na minha vida (VELOSO *in* TERRA; CALIL, 2013, p. 140-153).

E, Chico:



Minha turma era formada por Gilberto Gil, Caetano Veloso. Ficamos amigos nesse tempo [...]. Houve uma reunião sim, na casa de Sérgio Ricardo, e Caetano disse que eu fui, mas eu estava... [Chico faz um movimento com a mão junto à boca querendo dizer que tinha bebido muito]. Então, se eu estava lá, provavelmente eu não me lembro [risos]. Não me lembro de nada. Mas eu fui a algumas reuniões e em várias delas eu estava... [repete o movimento dizendo que estava bêbado]. Então, deve ter sido numa dessas que resolveram que iam fazer o Tropicalismo (BUARQUE *in* TERRA; CALIL, 2013, p. 92-95).

A oposição, criada pela mídia, entre os dois contribuiu para colocar em questão qual seria a atitude apropriada em relação à cultura no Brasil. Chico lembra

Na época desse festival [1967], começou a haver um acirramento muito grande da imprensa, principalmente a imprensa paulista, nos colocando em lados opostos. Começou um quebra-pau mais entre a imprensa do que entre nós. Ficou uma coisa muito agressiva (BUARQUE *in* TERRA; CALIL, 2013, p. 100).

Todavia, apesar dessa construção, muito mais midiática do que real, os dois tinham o mesmo objetivo de criação de uma identidade nacional. Cada um a seu modo, sempre exerceram grande influência na sociedade brasileira. Até hoje são chamados a cada eleição, ou questão pública para declarar suas posições. Nas eleições presidenciais de 2022, em que o Brasil precisava se livrar do fascismo em que se encontrava, ambos

foram fundamentais. Caetano Veloso, retomou o samba de Chico, *Apesar de você* (1978), e escreveu a canção *Não vou deixar*, inspirado no então presidente:

Não vou deixar, não vou
 Não vou deixar você esculachar
 Com a nossa história
 É muito amor, é muita luta, é muito gozo
 É muita dor e muita glória
 Não vou deixar, não vou deixar
 Não vou deixar porque eu sei cantar
 E sei de alguns que sabem mais
 Muito mais
 Não vou deixar, não vou deixar, não vou deixar
 Não vou deixar que se desminta
 A nossa gana, a nossa fama de bacana
 O nosso drama, nossa pinta
 Não vou deixar, não vou deixar
 Não vou deixar porque eu sei cantar
 E sei de alguns que sabem mais
 Muito mais

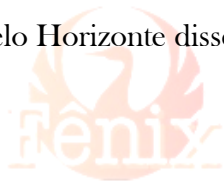
Apesar de você dizer que acabou
 Que o sonho não tem mais cor
 Eu grito e repito: Eu não vou!
 O menino me ouviu e já comentou
 O vovô tá nervoso, o vovô
 Nervoso, teimoso, manhoso
 [...] (VELOSO, 2021, não paginado, grifo meu).

Além de referenciar o samba de Chico, em postagem no *twitter*, Caetano afirmou que pensou em Chico quando diz que sabe cantar, mas sabe de alguns que sabem mais:

Figura 7. Postagem Caetano Veloso no *twitter*

Fonte: <https://twitter.com/caetanoveloso/status/1538550060253855744>

Apesar de você, foi composta no auge da ditadura-cívico militar. Em 2022, Chico Buarque participou ativamente da campanha eleitoral de Lula, durante ato em Belo Horizonte disse:



Vim apenas dizer umas palavras para manifestar, para dar meu abraço em nosso presidente Lula, prestar minha profunda gratidão a ele, que vai nos tirar desse buraco. Aqui estou há alguns dias em Minas, e tenho sido contagiado pelo entusiasmo do mineiro e tenho revigorado a minha confiança de que esse governo que está aí, com tudo que ele tem de mais tenebroso vai passar. Vai passar logo, logo. E reafirmando o que eu disse há cinquenta anos: **amanhã vai ser outro dia** (BUARQUE, 2022, não paginado, grifo meu!).

Segundo Caetano Veloso, o que ele faz “não dá para competir com o que Chico faz. O que eu faço é muito mais confuso, sujo, vai ficar sempre sendo discutido e é mesmo mais malfeito em muitos aspectos” (VELOSO *in* TERRA; CALIL, 2013, p. 154) e “ouvindo Chico, somos obrigados a crer no povo brasileiro” (VELOSO *in* SOARES, 2021, p. 64).

Apesar da amizade entre os dois artistas, a rivalidade existiu como estratégia narrativa para criação da identidade de Chico Buarque como herói nos anos 1960.

¹ <https://youtu.be/4hfQ680usjM>

POETA, PALHAÇO, PIRATA, CORISCO, ERRANTE, JUDEU, HERÓI NACIONAL

Ao fim e ao cabo, nem tão opostos assim, Chico Buarque e Caetano Veloso são dois grandes artistas e personagens importantes na cultura brasileira. São, sem sombra de dúvida, dois heróis nacionais.

Conforme Luis Nassif, só um país musical como o Brasil poderia ostentar a criação do mito de Baco e Dionísio, Caetano e Chico; um provocador, debochado; outro, introspectivo, personalidades totalmente distintas e, no entanto, ambos gênios líricos da música popular. Caetano procurava o conflito, Chico ficava na dele. Tornou-se unanimidade nacional sem investir um instante sequer no marketing pessoal. Impôs-se pela discrição, caráter, coerência pessoal, sensibilidade. Atravessou a ditadura sem se dobrar. Tornou-se uma das vozes principais da abertura política, sem se deslumbrar. Virou alvo do ódio das bestas das redes sociais, não se intimidou nem recorreu à demagogia. Com sua música, humanizou os pobres, os negros, as mulheres, os vulneráveis, celebrou a solidariedade, a generosidade, em uma sociedade profundamente marcada pela escravidão (NASSIF *in* SOARES, 2021, p. 160).

Segundo Nelson Motta, houve uma certa divisão entre partidários de Chico e de Caetano, como se eles tivessem pensamentos muito diferentes, opostos, sobre a música brasileira. E não é assim.

Pelo que conheço dos dois, eles têm muito mais pontos de contato do que de dissenso. Eles são dois caras muito rigorosos musicalmente. Não são bobos, não acreditam em enganação. Acho até que Chico e Caetano são compositores tão bons porque, antes de tudo, são excelentes críticos musicais, conhecem música à beça, sabem tudo da história da música brasileira. E, por isso, são muito rigorosos quando vão fazer suas próprias músicas. Acredito que eles são mais diferentes nos estilos pessoais do que no pensamento em si. São dois filhos de João Gilberto, de Tom Jobim e de Vinícius de Moraes. Há pequenas diferenças de temperamento, talvez entre um leonino, polêmico e exibido, como Caetano, e um geminiano, que finge que é tímido, como Chico Buarque (MOTTA *in* TERRA; CALIL, 2013, p. 251).

Tanto Chico quanto Caetano possuem os atributos com que se forja o herói. Segundo análise de Carlos Reis, as qualidades necessárias para ser um herói estão ligadas aos sentidos do modelo, a superação individual e da calculada gestão da superioridade, a posição de evidência perante o coletivo, a composição de uma imagem de mistério e de distância em relação a esse coletivo (REIS, 2018b, p. 169). No Brasil, temos esses dois artistas como heróis porque lemos, ouvimos e vemos relatos midiáticos construídos com

essa finalidade. Ainda hoje, neste mundo em que as narrativas midiáticas são construídas aos milhões nas redes sociais, e ambos os artistas não possuem redes sociais, eles continuam em evidência, seguem sendo notícia.

Em 2019, Chico Buarque venceu o prêmio Camões, mas foi oficialmente galardoado em abril de 2023. Esse atraso se deu em função do então presidente, Jair Bolsonaro, se recusar a assinar o diploma do prêmio, o que, evidentemente gerou muita polêmica e divulgação pela mídia. Na cerimônia de entrega, Chico não esqueceu de agradecer-lo:

No que se refere ao meu país, quatro anos de um governo funesto duraram uma eternidade, porque foi um tempo em que o tempo parecia andar para trás. Aquele governo foi derrotado nas urnas, mas nem por isso podemos nos distrair, pois, a ameaça fascista persiste, no Brasil como um pouco por toda parte. Hoje, porém, nesta tarde de celebração, reconforta-me lembrar que o ex-presidente teve a rara fineza de não sujar o diploma do meu Prêmio Camões, deixando seu espaço em branco para a assinatura do nosso presidente Lula. Recebo este prêmio menos como uma honraria pessoal, e mais como um desagravo a tantos autores e artistas brasileiros humilhados e ofendidos nesses últimos anos de estupidez e obscurantismo (BUARQUE, 2023, não paginado).

Devido ao recebimento do Prêmio, Chico ocupou as capas dos principais jornais do país no dia 25 de abril de 2023. A título de exemplo, a capa da *Folha de S. Paulo*:

Figura 8. Capa *Folha de S. Paulo*



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2023/04/25/>

Chico Buarque, através da narrativa midiática passou a figurar como um herói brasileiro. Suas performances tímidas, coerentes e conectadas com o público favoreceram a elaboração de uma *persona* que o projetou para uma sobrevida de grande personagem midiática. Há mais de cinquenta anos, segue sendo um artista que fala do povo e para o povo.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. Chico Buarque. [Entrevista concedida à] **Vox Populi**, 1979. Disponível em: https://youtu.be/O5wpWHfHj1I?si=2CA_3eSDogdcWGed. Acesso em: 05 out. 2023.

BUARQUE, Chico. Chico Buarque participa de ato com Lula em BH e afirma: Lula vai nos tirar desse buraco. **UOL**, 09 out. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/4hfQ680usjM>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BUARQUE, Chico. Discurso de Chico Buarque no prêmio Camões. **Rede TVT**, 24 abr. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/HGTfug2gPvU>. Acesso em: 22 jun. 2023.

GARSON, Marcelo. Jovem Guarda versus MPB: A construção midiática da guerra. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-21, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018: ID29728. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.29728>. Acesso em 30 mar. 2023.

INSTITUTO ANTÔNIO CARLOS JOBIM. **Acervo Chico Buarque**. Disponível em: <https://www.jobim.org/chico/>. Acesso em 05 abr. 2023.

InTerValo (revista). **CHICO BUARQUE: Minha música fala com o povo**, 21 nov. 1965, p. 28-29.

MUSEU BRASILEIRO DE RÁDIO E TELEVISÃO. Esta noite se improvisa, sucesso da Record nos anos 60. **MBRTV** 06 set. 2018. Disponível em: <https://www.museudatv.com.br/esta-noite-se-improvisa-sucesso-da-record-nos-anos-60/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

RAZUK, José Eduardo Paraíso. O papel das mídias na construção da imagem de Chico Buarque. **UMESP**, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/37757522/O_PAPEL_DAS_M%C3%8DDIAS_NA_CONSTRU%C3%87%C3%83O_DA_IMAGEM_DE_CHICO_BUARQUE. Acesso em: 30 mar. 2023.

REIS, Carlos. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra: Almedina, 2018a.

REIS, Carlos. **Pessoas de livro: estudos sobre a personagem**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018b.

REVISTA INTERVALO. Ano - 1966. Edições: 195 a 207. Período: 25/09/66 a 31/12/66.

SOARES, Augusto Lins. (orgs.). **Meu caro Chico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2021.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras: 2017.

VELOSO, Caetano. **Meu Coco**. Sony Music Entertainment, 2021.

TERRA, Renato; CALIL, Ricardo. **Uma noite em 67**. 2010. Disponível em: <https://youtu.be/bfndVO7jacY>. Acesso em: 30 mar. 2023.

TERRA, Renato. CALIL, Ricardo. **Uma noite em 67**. São Paulo: Planeta, 2013.

ZAPPA, Regina. **Chico Buarque: para todos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.



www.revistafenix.pro.br

Recebido em: 12/12/2023

Parecer dado em: 04/04/2024